

Reflexão

A Crise Irredutible emana de um pensamento e sentir singular. Com a intenção de clareza e na intuição do que o rodeia, propositadamente o poeta provoca o leitor, quer dele a atenção.

Da percepção e do apreendido, tem o mérito de partir da sua experiência, do local que ele é, e do local que o circunda, oferecendo o belo provido de inteligência, para nos ser útil a poesia.

O modo como luta recria um querer ser e não permanecer marginal, luta pelo seu povo. A poesia não poderia deixar o fascínio, nem o poeta figurante de se preocupar. Poeta, na individual preocupação social e cultural, do colectivo em que se insere, apela à concretização, e por isso adverte o seu povo. E, na vontade de um futuro, não pretende ser estandarte, ele o sabe urgente! Diz o *sempreadeus*, que se admite para depois se querer ser mais livre. E diz, e *que hai outros mundos posibles*.

É sempre de poesia o livro que tem que existir. Corre o risco de ser ilegível para muitos, talvez “o fora de tempo” que inquieta, mas sempre favorece. Certamente, não se deixaria intimidar o poeta, o figurante que vagueou pelas ruas, que as conhece, e percebe quem o pode reconhecer. A poesia é concisa, não mantém a suavidade no que vê, recorre a ela para tranquilizar e lembrar que é da sua pátria.

Com sincera preocupação quer a definição de um povo, e vagueia entre a sua irremediavelmente amada gente, como figurante *dunha terra indefinida*. Não é evidente perceber imediatamente esse vaguear, o que realmente é *A Crise Irredutible*, poesia que se agradece, e até a escolha do título (do livro) é afortunada. Em vão se pode esperar, esperar a resolução de uma crise particular por uma vontade exterior de quem ali não vive, e inevitavelmente recai a responsabilidade a quem vive no local.

O *Irredutible* é de dual significado, é indomável no permanente *gusto de caer*, que encontramos no poema *A permanencia do sempreadeus*, e por vontade expressa, na qual o poeta é imperativo, *digo basta*, primeiro verso da *Síndrome de Estocolmo*, se mostra o indomável da não resignação, a que poderia tornar o anterior indomável ultrapassado com a resolução da identidade.

Cada palavra pesa no livro de poesia. E não se excluem palavras, as que cruzam universos desiguais, resultando uma estética que repousa no eminente. Não se descuida de mostrar o belo, contemplado na descrição do que o rodeia e que é vivido. Não se agarra à adjectivação, é intenção representar e expressar, por isso

adverbia. E da criação de novas imagens cativas de significados, belíssimos são os versos. Os versos não pontuados e em minúsculas, permitem a ambiguidade, os ruídos e os silêncios, sente-os onde pode quem lê. Também na subjectividade dos significados que ampliam, se permite o reajuste no leitor.

A parte *Síndrome de Estocolmo*, livro dentro do livro, é mais íntima no livro que sempre termina n' *A crise irreductible*. E terminaria com o desejo de *un governo para meu pobo*, mas sensatamente avisa e remata, sempre existem *os mais grandes crimes*.

Cada verso, cada poema, e cada parte não pretende dividir, não se perde o fim em vista. É o final menos poético, e novamente provocatório por se querer directo ao leitor galego. Na primeira parte, *Un agora que non quer sair*, o poema *O discernimento* termina com os versos,

baixo unhas calças penduradas de sorrisos sobre a pel
demostro que tamén sei morrer
en noites de pedra

E na parte, *Síndrome de Estocolmo* estão os versos,

para fuxir de mim mesmo
da própria consciência
e das forzas de orde

Não foge da consciência do não querer a resignação, percebido também como consciente o desejo de liberdade. E não deixaria de coexistir a consciência dos primeiros poemas do livro, é dessa que foge, é imperativo fugir às forças de ordem, que não incluem uma outra e importante força, a esperança. Tem que se fugir para não ficar ali, para ver além, porque é tempo de escapar ao que nos torna infelizes se omitimos a identidade.

Na *Síndrome de Estocolmo* são furtivos e intensos os singelos versos, os que servem para que o discurso continue, e não servem apenas esse desígnio. Reforçam que quem sentiu também sabe morrer, e deseja ele a coragem que espera, dele e de quem lê, sabe que sem a compreensão de pouco pode valer, pede no que não é um pedido, no querer outra direcção para o seu povo. Daí a intenção, o intervir, o intervirem, sendo também necessária a provocação que prende e acorda o leitor, aquele que sabe escutar para pensar e sentir, aquele que pode cumprir-se no agir, o que poderá quem lê?

É o poeta figurante contemplativo, o poeta que se quer mais que retratista, sendo por isso esquivo o figurante à medida que se lêem as poesias. E considera as fronteiras do medo, que sempre se prendem a crise, sem pretender ficar aí, que se o povo quiser ainda há esperança, e daí algo se moverá para recuperar a identidade.

Fica também o repouso no sublime com o singular poema, *apocrofaxia 1 ou acto de buscar alimento fora do livro sagrado*.

Espera o próximo livro, o leitor que sempre pensa e sente. Não deixará quem escreve de transgredir e de cumprir-se, não ficará apenas na experiência de emoções ou na experiência da linguagem.

É ainda novo quem escreve, isso o ilibara, o mesmo se aplica a quem aqui critica. E, no entanto, não me persuadiriam de não ter valor o livro, *A Crise Irredutível*.

Anabela Couto Brasinha